



EDIÇÃO ESPECIAL
LINGUAGENS E DISCURSOS DAS MÍDIAS
NOVEMBRO DE 2012



CORPO IN-VESTIDO AO MODO MÍDIA

Andrea Portela
Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT) e
Professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF)

Resumo

Percorremos fenômenos de moda através de alguns veículos comunicativos, especialmente sites que ofertam conselhos de beleza e transformação da aparência, para pensar no poder de influência que certos espaços são capazes de exercer em indivíduos mais vulneráveis, sujeitos a sofrer algum tipo de transtorno da imagem corporal. Numa cultura que elege um corpo altamente in-vestido e reformado segundo os padrões midiáticos, um corpo capitalizado. A atenção se voltou ao corpo prótese, montado com recursos precários, mesmo representativos de um alto custo. Um corpo irônico que nos faz pensar nos exageros da cultura midiática que propõe corpos idealizados, regras pasteurizadoras e imagens manipuladas a tal ponto que se tornam inalcançáveis ao público que quer seduzir.

Palavras-chave: Corpo prótese. Corpo Capital. Mídia.

Bod invest to the mode media

Abstract

We went through fashion phenomena across some communicative vehicles, especially sites that offer beauty advices and transformation of appearance, to think about the power of influence that some spaces are capable to exercise in individuals more vulnerable, likely to suffer some kind of body image disorder. In a culture that elects a body highly invested and reformed according to the mediatic standards, a body capitalized. The attention turned to the prosthetic body, mounted with poor resources, even if representative of a high cost. A ironic body that makes us think about the exaggerations of the mediatic culture which proposes idealized bodies, pasteurizing rules, and images manipulated to the point that they become unachievable to the public who wants to seduce.

Keywords: body prosthesis. Body capital. Media.



CORPO IN-VESTIDO AO MODO MÍDIA

Os espelhos têm algo de monstruoso (...) os espelhos e a cópula são abomináveis, porque multiplicam o número de homens.ⁱ

Este artigo nasce a partir do estudo de fenômenos de moda e a velocidade com que se processam no corpo. Esta preocupação com o corpo atravessa, sobretudo, os modos como construímos nossa aparência pelas escolhas do vestir. Aqui destacamos o papel da mídia (blogs, sites, revistas, cinema, televisão etc.), ao transmitir as múltiplas propostas de moda. Os canais comunicativos, ao transpor os valores de consumo ao meio social, parecem exercer certo poder de convencimento. Para pensar até que ponto este poder é exercido percorremos uma série de sites que dão dicas de moda, além de revisão bibliográfica utilizando vários autores dentro das proposições da antropologia cultural.

Buscamos os sites de dicas de moda por perceber que estes espaços fornecem toda espécie de conselhos em relação ao corpo (faça isto, não faça aquilo). Preferimos, no entanto, não divulgá-los no intuito de termos maior liberdade de análise. Já que, em muitos deles, são mostrados resultados das transformações às quais não pretendemos julgar.

A sociedade brasileira vê o corpo como veículo de ascensão social transformando-o em território de múltiplos investimentos, a este fenômeno Mirian Goldenberg (2010) vai chamar de corpo capital.

Acreditamos que, diante de tantas propostas a serem consumidas, o público se torna suscetível e pode confundir o real com as ilusões vendidas numa sociedade de simulacros. Onde é cada vez mais comum os indivíduos buscarem referências nos ícones da mídia. Para isto, se lançam a toda sorte de escolha, na esperança de atingirem os efeitos de transformação desejados dentro da velocidade imposta pelo sistema de moda.

Mas nem sempre os ideais de transformação são acessíveis ao investidor, que se apropria de formas ordinárias para compor a aparência desejada - idealizada conforme ideais divulgados pelas mídias - mas, sem atentar-se para certo grau de risco. Risco que se constrói mediante a impossibilidade do consumidor em reproduzir uma identificação à altura do ícone mediático. E que pode querer reproduzir apenas em

parte (como um esquiteamento do desejo). Não alcançando o efeito desejado, acabam alterando suas formas de modo a produzir um corpo de efeito irônico.

É neste corpo fictício, montado a partir de artifícios vários, alguns precários, que se constrói um corpo submerso nas ilusões, amplamente divulgadas em alguns destes sites. São receituários de modos de representação e aceitação social. Nesta superficialidade, nasce uma narrativa de exibição de formas corpóreas, por vezes compradas à prestação, que, exagerando nas formas, vão pasteurizando a imagem dos seres conforme modelos midiáticos.

A camuflagem do corpo, de classe social e de realidade surge da incapacidade de assumir as formas exigidas pela moda. Para dar conta de acompanhar a neurose das transformações cíclicas constantes, criam-se corpos instantâneos através de truques com roupas que moldam o corpo, mas, sem precaver-se de exageros, fazem emergir seres montados de objetos-próteses, híbridos e remendados. Escapando assim à sua própria narrativa de auto-identidade, perdida em algum clone de celebridade.

Os corpos são multifacetados, permitem mutações de si mesmos, ora afinam ou desafinam com desejos que nem sempre são possíveis de compreender. A cultura nos permite a metamorfose dos tempos e as manipulações que empreendemos estão sujeitas ao círculo social e as técnicas do momento. Todo corpo, sendo produto cultural e histórico, busca imprimir em si os signos que o representa; a roupa, longe de ser utilitária é portadora de signos. É descrita como nossa segunda pele, o primeiro artifício que molda a imagem ideal de uma sociedade.

O corpo sempre foi território de investimentos e interferências, sofrendo inúmeras alterações conforme as técnicas e os desejos de cada época e lugar. Está sempre sendo resignificado e modificado.

Estas transformações foram intensificadas na medida em que a moda se complexifica desde meados do século XX. Se retrocedermos algumas décadas, observamos como nos perdemos nas curvas das atrizes nos anos 50. Atingimos a magreza idealizada nos anos 60 e que foi intensificada nos anos 70. Depois tornamos o corpo uma escultura de músculos nos anos 80 e voltando ao ideal anoréxico nos 90.

Ao longo dos anos, o corpo também vem sendo 'descoberto', não somente por questões de obscenidade, mas para a apresentação do espetáculo do corpo esculpido e pelas transformações que não fariam sentido sem os olhares externos.



Contraditoriamente, ainda nos propomos uma nova interioridade pelas profundezas do corpo de carne, osso e DNA. Aplicações e cirurgias estendem os limites das alterações, “a anatomia não é mais um destino, mas uma matéria-prima a modelar” (Le Breton, 2003, p. 28). A gordura, a desproporção, a deformidade, o torto, as rugas, os cabelos brancos, as estrias, as celulites, não encontram espaço frente ao corpo da moda, que quer seduzir, envolver a todos.

Preenchendo o corpo de novas formas e cores, ele se veste com certezas e incertezas e se cobre com a pose que projeta de si e em si. Na aura dos corpos fluem conceitos quase inocentes de perfeição, quem quer se moldar e seguir padrões de corpos idealizados precisa dos disfarces ideais para o corpo que carrega.

As proporções equilibradas são a contrapartida de sucesso que cada um é capaz de expor. Se o corpo parece difícil de ser alterado, a imagem pode ser salva pela consultoria de moda. Se a dieta for demorada, a exposição de uma marca ou o volume produzido pelo drapeado não ignora a ninguém e produz resultados em curto prazo.

Carregar disfarces pode gerar insatisfação, quando nos desfazemos deles diante do espelho e nos deparamos com um verdadeiro ‘circo de horrores’. Ninguém é perfeito, reza o dito. Mas na plateia do espetáculo - ao modo mídia- parece não haver perdão ou possibilidades de ser o ser in natura.

Diante do discurso publicitário nos tornamos fragilizados, a mídia, através dos valores de moda e imagens controladas, dá as costas ao corpo real ao supervalorizar um corpo inalcançável por “natureza”, pois escondem defeitos e ineficiências.

O corpo despadronizado ganha valores negativos, é descuidado, não trabalhado nas academias, não submetido a cirurgias plásticas, não usa maquiagem e não porta as cores e as peças da moda. Estes são repelidos e ameaçados de não se adequar a certos ambientes.

O corpo não alterado é sinônimo de quem não é competente ou bem sucedido, estes julgamentos são comuns nas opiniões que circulam, sem critérios, nas dicas ofertadas por inúmeros blogs de moda.

Esta problemática pode ter um efeito intenso na realidade brasileira, sobretudo no universo feminino. Os estudos de Gilberto Freyre (1987), pioneiramente, já apontavam tal preocupação com o grau de investimento que a brasileira faz em seu corpo e aparência. Freyre observava nos anos de 1960 a prática da imitação ou macaqueação, como gostava de dizer, de um corpo estrangeiro e loiro. Numa prática de

imitação prestigiosa que, para Marcel Mauss (1974), é como os indivíduos de uma cultura constroem corpos e comportamentos.

E é o sistema da moda que legitima e refina as transformações corporais, pois o vestuário é passível de estabelecer profundas alterações e imposições. Sendo assim, as roupas podem até produzir um corpo fictício – momentâneo/instantâneo - através dos artifícios dos detalhes, dos truques de efeitos estéticos, ou de uma plástica ordinária produzida por peças que simulam partes do corpo, produzindo seres remendados, passíveis de exageros e quebras de limites, produzindo novas e variadas espécies de alteridades.

Ao analisar imagens publicitárias e os fetichismos visuais ali incorporados, Massimo Canevacci (2008, p.42) chama de dress-code a uma pragmática do corpo que se modifica. Onde este corpo constrói espaços e dá novas significações aos seus fetiches através das escolhas cosméticas de um sujeito que é mutante. Se a cosmética com que se faz vestir dissemina insinuações várias, então, o que podemos pensar quando estas insinuações são atravessadas por manipulação tecnológica?

Os softwears de manipulação de imagens retocadas e cheias de efeitos de tratamento nas fotografias são utilizados com tal intensidade e banalidade nos veículos de comunicação que mereceriam maior atenção em se tratando de um país tão preocupado com questões estéticas. Qual seriam os limites destas manipulações quando sabemos o grau de influência que as imagens de famosos têm diante de grande parte da população consumidora?

A venda de produtos para emagrecimento são exemplos deste tipo de atuação. Sempre trazendo a imagem de uma atriz famosa que emagreceu em tempo extraordinário. Muitos blogs seguem este tipo de recurso utilizando imagens de pessoas comuns, mas também manipuladas tecnologicamente.

Preocupam-nos os desequilíbrios gerados pela insaciável busca de um corpo 'perfeito', pois chegam a produzir vários tipos de transtornos da imagem corporal que, para Jurandir Freire Costa trata-se de um efeito da moderna cultura somática. Agrupando estes sintomas em dois grandes grupos, temos “os transtornos na percepção do corpo físico, como os alimentares, fisiculturismo compulsivo, compulsão por correção estética cirúrgica, ansiedades de exposição e dependências químicas; e os abusos relativos à exploração das sensações corporais” (2005, p.55).

A natureza parece ter se tornado uma afronta social e individual, o corpo deve ser “sarado, bombado por anabolizantes, drogado, depressivo, anoréxico, siliconado, compulsivo, plástico” e, segundo Camargo e



Hoff (2002), “*sem equivalente natural na realidade*”. Mas o corpo em padrões reais está sujeito ao sedentarismo, à correria - contraria a corrida desportiva - e aos fast foods. Ou seja, os desproporcionalizados são fabricados pelo mesmo sistema que os condena, exigindo hábitos e resultados contraditórios, por vezes inalcançáveis.

Baudelaire (1996) diz que a moda é uma tentativa permanente de correção da natureza e a maquiagem, ao subjugar a natureza nos eleva, não importando se a astúcia e o artifício são visíveis, mas que irresistível é o sucesso dos efeitos produzidos pelo sobrenaturalⁱⁱ. Portanto, artifício e fantasia formam parte de nossa expressão cultural natural, a roupa nos permite vivenciar a beleza dos tempos. Atendermos as prescrições da moda é um comportamento natural que atribui vitalidade e beleza ao cotidiano.

Porém, tão acelerados se tornam os impositivos dos ciclos da moda, que o corpo já não pode dar conta das mudanças físicas que são recomendadas pela moda, e diante de tanta liberdade para modificar o corpo, nos confundimos entre as manobras comerciais. É quando exageramos a moda ou quando irrompemos os limites humanos.

Entre plásticos, gelatinas e espumas nasce um tipo de monstro produzido pela cultura, aquele que, segundo Ieda Tucherman (1999: p.103), “*excede a representação: ele mostra um transbordamento de ser*”. Quando excedemos os limites do ser orgânico, quando produzimos uma comunicação exacerbada através do corpo, refletimos o monstro cultural. E assim também o é o monstro virtual, o retrato manipulado que extrapola a realidade, enviando uma informação de credibilidade duvidosa, mas ainda capaz de confundir os leitores mais influenciáveis.

E se considerarmos algumas características do que chamamos monstro como ambigüidade, contradição, estar fora das regras, condição de limite do humano, de estar entre horrível e belo, entre outras condições afirmamos que, de uma forma ou de outra, monstros somos todos nós quando refletimos nossas fragilidades, que agora estão expostas e generalizadas nos espaços reais e virtuais. O perigo é ser sugado pelos apelos de consumo que extrai seus recursos além dos limites da conta bancária.

Mantendo-nos na roupa, na superfície de nossa segunda pele, observamos desde aqui os cortes e os seus detalhes que acompanham o desenho corporal ideal de cada época. As ombreiras, por exemplo, foram a extensão dos ombros largos e musculosos da década de 80.



*A roupa tem a sua corporeidade e é espaço de mobilidade do corpo, as atitudes, os gestuais, tudo isto pode estar condicionado ao espaço que a roupa nos permite explorar. O filósofo francês Jean Maissonneuve (1981) demonstra que o tipo de vestimenta se integra a certos aspectos de comportamento e personalidade. E, segundo o médico e psicanalista australiano Paul Schilder, mencionado na publicação *L'Image du Corps*, de 1968, “o corpo é transformado no corriqueiro ato de vestir(...) se uma mulher porta uma pluma em seu chapéu, seu corpo se prolongará até a extremidade da pluma e, automaticamente, ela adotará gestos e atitudes na sua nova dimensão” (apud Cidreira, 2006).*

A ideia de modelagem da roupa segue a ergonomia e vai além de produzir efeitos em uma peça, falamos da roupa que propõe modelar o próprio corpo com enchimentos, ajustes, fendas ou sobreposições, entre inúmeros outros recursos no intuito de fabricar um corpo aceito pelo ideário social de uma determinada época. Mas de forma precária, exagerando nos recursos comercializados com o intuito de promover modificações corporais através de roupas modeladoras, que dariam o efeito de modificação plástica cirúrgica.

Jean Maissonneuve classificou duas formas de transformação corporal visando o embelezamento: as aloplásticas, pouco duráveis ou que substituem parte do corpo por material inerte, como a maquiagem, as vestimentas e os ornamentos; e as autoplásticas, mais invasivas, como o piercing, as deformações, as mutilações e a cirurgia plástica. (apud Cidreira, 2006, p. 11).

Historicamente, a transformação aloplástica mais citada parece ser a dos pés das chinesas, que eram enfaixados e apertados no intuito de garantir o sucesso amoroso, mas são inúmeras as alternativas de incorporar materiais para produzir efeitos de modificações e encontradas há séculos. Verificamos que existem muitas formas de justificar estas transformações do corpo, os pretextos podem ser “de ordem estética, erótica, higiênica ou médica” (Cidreira, 2006, p. 12).

O termo aloplastia é muito utilizado na medicina por relacionar-se ao uso de próteses; na moda, algumas peças ou objetos propõem extensões humanas na fabricação de um corpo ao alcance do que podemos consumir: lentes de contato coloridas, perucas e similares, unhas e cílios postiços, são alguns exemplos.

Levantar, afinar, modelar, firmar, sustentar, turbinar, arredondar, alongar, empinar: eis alguns verbos conjugados pelas roupas.



Entre inúmeras mercadorias ofertadas para remodelar o corpo de forma instantânea, encontramos calcinhas, sutiãs e até cuecas, com enchimentos frontais ou traseiros, em gel ou espuma, que produzem efeito de silicone. A sensação de seios maiores e empinados está à venda, um bumbum irreal mantém em maior proporção minha satisfação pessoal e os homens não são ignorados na vertigem dos acontecimentos comerciais.

Parece contraditório enganar o próprio ego afinando a cintura com cintas apertadas, que nos manterão aprisionados a regras seculares, nos fazendo duvidar das conquistas feministas onde a libertação dos espartilhos ou dos sutiãs seriam símbolos do protagonismo e da transformação das mulheres. No entanto, os consumidores agora desejam peças íntimas cada vez mais ajustadas e elaboradas para manter seus corpos padronizados e controlados.

As técnicas de dissimulação são inúmeras na produção da silhueta desejada. Bermudas que modelam, apertam aqui e ali, ou que friccionam culotes, bumbum, barriga e pernas ao mesmo tempo, não nos fazendo perder tempo com a ginástica, são facilmente encontradas conforme a moda das próteses. A roupa está tecnologicamente adaptada às nossas 'necessidades', principalmente as de domar e domesticar a natureza.

As máculas do corpo são mensagens traiçoeiras, então precisamos evitar peças de roupas claras e ajustadas para não entregar suas secretas marcas, produzidas tanto pela natureza quanto pelos males civilizatórios como a má alimentação e a fadiga.

Na consultoria padronizadora da moda, ofertadas como conselhos nos blogs, cabem somente alguns tipos de corpos a serem moldados pelo shape da roupa. O tipo de linha do decote e uma infinidade de truques para esconder uns pneuzinhos aqui ou empinar algo acolá. Os saltos altos são os preferidos das baixinhas, para lembrarmos mais uma estratégia de uso bem antiga; além da nova estatura, afinam as pernas e empinam o corpo como um todo, apesar de com isso confundirmos cifoses, lordoses ou escolioses, sobretudo se a pretensão é copiar também o andar típico das modelos nas passarelas.

O megahair faz a cabeça de muitas mulheres, cortar, alongar, encaracolar, a famosa chapinha e os apliques estão na lista das transformações da moda. Cada tipo de corte de cabelo pode favorecer um formato específico de rosto. A cor do tingimento deve combinar com a tez e os olhos. O bronzeado, ameaçado pelos perigos causados pelos estragos na camada de ozônio ganha nova forma e múltiplas tecnologias na onda da pasteurização dos seres.

A atual estética carioca dos bailes funk é outro exemplo de construção corpórea que investe sobremaneira no que é inserido ao corpo, como enormes unhas postiças e longos apliques capilares. Ao que a antropóloga Mirian Goldenberg (2010) chamará de “corpo capital”, um corpo altamente investido de sentidos e capital.

A calça justa e bordada que usam nestes bailes pode custar o equivalente ao salário de um mês de trabalho, pensando numa média salarial de uma moradora da periferia do Rio de Janeiro. A maquiagem ou o penteado também estão nessa trajetória de mutações, os apliques de cabelo para frequentar os ambientes funk também são caríssimos, e boa parte deste público exerce profissões de baixos salários.

Consideramos que estes investimentos não são novidades, em maior ou menor grau, as artimanhas para valorizar a aparência e a silhueta ganham uma sofisticação cada vez maior. A cada dia uma nova moda é lançada para a fantasia dos corpos e a satisfação comercial.

Sintetizando, nas palavras de Zygmunt Bauman:

As roupas que você veste (e certamente tira e joga fora logo em seguida) podem, com efeito, seguir/deslocar/substituir umas às outras a uma velocidade e uma frequência desconcertantes e inatingíveis, por exemplo, por implantes nos seios, lipoaspiração, cirurgia plástica ou mesmo um passeio por todo o espectro dos produtos para tingir o cabelo (2005, p.113).

Mantendo tudo atualizado e ligado “à conta bancária e aos cartões de crédito” (ibidem).

As transformações de que tratamos, são denominadas como técnicas corporais por Marcel Mauss (1974), que nos define como construtores de nosso próprio corpo em interação com os outros corpos. Mas, na insuficiência das carcaças, inadequadas frente ao modelo das celebridades, mantêm-se a ideia de monstro enquanto características corporais, considerado conforme Ieda Tucherman “quando falta ou sobra algo neste corpo” (1999).

Depois da civilização da vergonha e da culpabilidade (Tucherman, 1999; Erner, 2005), o mundo contemporâneo está criando a cultura da ironia, segundo a referência estética atual. Para Guillaurme Erner, a roupa é a máscara que nos permite transitar no seio da sociedade sem participarmos dela verdadeiramente, assim nos tornamos irônicos, “a moda simboliza a influencia da ironia em nossos modos de existência” (2005, p.241), “ironizando conquistamos uma dose de liberdade”, a veste da época caminha via moda e onde seguimos pela dualidade de nos assemelharmos e nos diferenciarmos. Erner diz ainda, “de



tanto procurar sua singularidade, o indivíduo corre o risco de se tornar inteligível apenas para si, tornando-se a sociedade uma reunião de solidões” (2005, p.245).

No entanto, podemos atentar para outro extremo igualmente indecifrador de seres, a uniformidade e a padronização dos corpos: a proliferação de uma multidão de loiras, altas e magras.

Diante de uma cultura somática, com tantos rigores de saúde, higienização e formas idealizadas, ficamos presos a um labirinto na procura da saída mais equilibrada. Frente aos transtornos corporais que, cada vez mais, absorvem novas vítimas e engordam dicionários médicos, talvez seja preciso rever algumas práticas, como o grau de manipulação de fotografias de famosos, e as consequências de alguns exageros frente à fragilidade de determinados públicos, por exemplo.

Para termos uma noção da fragilidade do receptor destas imagens, aportando num site que fornece dicas de moda:

O segredo para disfarçar a gordura que aparece nos quadris e barriga, por exemplo, é sempre chamar a atenção para outras partes do corpo. Por isso, sempre use acessórios nos braços e na cabeça, e um calçado bonito. Assim, você ficará bonita e todos olharão os seus acessórios! ⁱⁱⁱ.

A própria invisibilidade no espetáculo de se mostrar sem que ninguém perceba, sem a visão do óbvio, está montado um estado de contradições. O que falta e o que sobra?

O corpo em nossa sociedade se desenha em imagens que incidem em corpos jovens, desejados, esculpidos, erotizados e que ocupam, cada vez mais, certa centralidade na cultura brasileira. Mas mesmo que inúmeros ideais de corpos sejam intensamente divulgados e vendidos a tão alto preço, não é possível crer que somos limitados aos impositivos mercadológicos.

Então é preciso pensar e retomamos o olhar para nossa rotina (agora bem refletidos, bem visíveis), em nossos rituais que modelam e recriam nosso modo de ser, “todo corpo contém inúmeros outros corpos virtuais que o indivíduo pode atualizar por meio de sua aparência” (Le Breton, 2003). Do guarda-roupa ao espelho levo a contrapartida de visibilidade e equilíbrio entre forças naturais e sociais na construção de meu próprio personagem, entendido e fabricado com os recursos de minhas escolhas conscientes.

Ao imitar, promovo uma prática de repetição, e apreendo, e troco, e renovo minhas formas. As inúmeras imagens, reais e virtuais, promovem misturas e inovações. E não é demais lembrar o quanto a



moda é necessária para embelezar a vida, mesmo quando somos gordos, velhos ou temos celulites; preocupam-nos sim, os anoréxicos, os bulímicos, os obesos, entre outras vítimas destes transtornos corporais ou ainda públicos mais vulneráveis como crianças e adolescentes.

Diante do ser submerso em fantasia, nos reportamos ao sociólogo alemão, George Simmel, no deixar “aflorar à superfície das coisas” para captar a estilística social.^{iv}

Na ‘brincadeira fashion’, no ‘jogo de aparências’ e de ‘fabricação de novidade’, ou mesmo na fantasia estética de plástico e photoshopada da publicidade, bem disse Rosane Preciosa, “o problema é quando a gente acaba acreditando demasiadamente nele” (2007:58). Sem modelos para uma “desprogramação”, deixa sugerida a ideia de nos sintonizarmos com os momentos em que a moda permite a singularização, sem nos perdermos no risco da diferenciação excessiva, sem prejuízos existenciais.

Sabemos que, para Simmel, a moda é a prática das imitações na tentativa de eliminar barreiras exteriores de classe, e nesta perspectiva, nos democratizamos. No entanto, não podemos esquecer-nos das misturas, das mutações produzidas durante o processo de imitação. Se ao mudar de roupa compomos uma nova expressão no modo de ser, resta dizer: se vista ou troque-se com a consciência dessa mágica, ou, diante do espelho, permita-se perguntar, que mutações você deseja empreender neste corpo?

O corpo padrão é símbolo de um “contrato social”, de aceitação e conformismo. É na imposição de cânones de beleza que exageramos nas referências múltiplas de ser e, num espetáculo de ironia, não compreendemos a força monstruosa do não-ser.

Estando fora do padrão, ainda guardamos os limites corporais e tiramos proveito dos recursos que a moda pode nos oferecer em benefício da aparência, quando ela nos reserva possibilidades de atender nossos próprios anseios. O problema é quando perdemos nossas referências de percepção corporal na busca de uma suposta perfeição, e a partir disto, construímos uma aparência que não consegue comunicar os apelos que foram consumidos.

Em contrapartida, os espaços midiáticos também precisam repensar as práticas de manipulação de imagens que convergem para formas exageradamente idealizadas e nas consequências para o receptor mais frágil.

Assim como vem propondo o renomado fotógrafo Peter Lindbergh, em maio de 2009, declarou ao jornal The New York Times que,

com tanta manipulação, as modelos têm parecido objetos marcianos e que a manipulação digital assumiu um papel muito grande em como as mulheres estão sendo visualmente definidas atualmente e que essa não deveria ser a ferramenta escolhida para representá-las no começo deste século (...).

Lindbergh ainda fotografou muitos famosos sem maquiagem e sem retoques digitais, suas matérias celebram a naturalidade,

(...) é bastante refrescante ver olheiras e marcas de expressão em superfícies dantes lisas e, mais ainda, analisar o charme e a beleza que tais imperfeições conferem às modelos. Tais fotos nos fazem questionar: é de fato necessário tratarmos beleza e perfeição como sinônimos? (Santos, 2012:32).

Diante de atitudes como esta acreditamos poder pensar em ações mais responsáveis enquanto recurso de construção de novas realidades. Pensando nas consequências de um jogo de manipulações na construção de subjetividades e, na ficção de si, que antes de atender aos apelos de uma cultura midiática e de consumo, precisa atender aos anseios reais de desejos e aspirações pessoais na construção do corpo que se quer. Sabendo que alguns ideais não serão alcançados sem esforços concretos e limites seguros.

Cada corpo é único e a liberdade de manipulação de cada corpo deve também ser desenhada sem cobranças, nos limites da aceitação social e da singularidade.

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

CAMARGO, Francisco Carlos; HOFF, Tânia Maria Cézar. **Erotismo e mídia**. São Paulo, Expressão e Arte, 2002.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **O Vestígio e a Aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.



ERNER, Guillaurme. *Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos*. Tradução: Editora Senac. São Paulo, Senac, 2005

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. 2ª Ed. – São Paulo: Global, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital: estudos de gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. 2ª Ed. – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas/SP: Papyrus, 2003.

LEVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ed 34, 2007.

MAFESSOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAISONNEUVE, Jean, BROUCHON-SHWEITZER, Marilou. *Modèles du corps et psychologie esthétique*. Paris: PUF, 1981.

MAUSS, Marcel. *Noções de técnicas corporais*. In _____ *Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss*. Tradução de Mauro W. B. de Almeida e L. Pucinelli. Vol. 2. São Paulo, EPU, 1974.

PRECIOSA, Rosane. *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

SANTOS, Roberto M., SCAGLIUSI, Fernanda B. *Beleza.jpg: borrando os limites da realidade*. In: *Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores*. Cristiane Mesquita e Kátia Castilho (org.) 2ª Ed. – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e seus monstros* – Lisboa: Passagens, 1999.

Pesquisa eletrônica:

Mog. Disponível em: <<http://aurelio.net/mog/dicas-para-emagrecer-rapido.html>> Acesso: 18/06/2009.

ⁱ BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Ed. Globo, 1999.p.7.

ⁱⁱ Baudelaire usa o termo sobrenatural para tratar da maquiagem como um artifício imprescindível à mulher, p. 59.

ⁱⁱⁱ Escrito por Mog. Disponível em: <<http://aurelio.net/mog/dicas-para-emagrecer-rapido.html>> Acesso: 18/06/2009.

^{iv} Apud MAFESSOLI, Michel, *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p 129.

^v Conceito de Jean-Jacques Rousseau (2004)